

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**Jornal Escolar: um herói do Brasil nas páginas do Correio do
Colegial (Sergipe, 1938-1959)**

MARA INÊS ALFLEN

**PELOTAS
SETEMBRO /2023**

MARA INÊS ALFLEN

**Jornal Escolar: um herói do Brasil nas páginas do Correio do
Colegial (Sergipe, 1938-1959)**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Profa. Dra. Lisiane Sias Manke

PELOTAS, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

A314j Alflen, Mara Inês

Jornal escolar : um herói do Brasil nas páginas do Correio do Colegial (Sergipe, 1938-1959) / Mara Inês Alflen ; Lisiane Sias Manke, orientadora. – Pelotas, 2023.

57 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Jornais estudantis. 2. Herói nacional. 3. Cultura histórica. 4. Apropriação. I. Manke, Lisiane Sias, orient. II. Título.

CDD : 981.41

Este trabalho é dedicado ao meu herói, avô materno, Raimundo Kinzel, que foi, sem saber, meu grande incentivador nesta caminhada. Agradeço aqui por ter me levado a sério, aos sete anos, quando lhe disse que seria professora.

Agradecimentos

Tenho muito a agradecer à Universidade Federal de Pelotas, em especial às professoras Ana Inês Klein e Lisiane Sias Manke, por mostrar a força e importância da educação numa sociedade tão cheia de problemas, mas que pode sim, ser melhor.

Agradeço de forma especial, aos meus pais, que graças a sua ajuda, pude, finalmente, cursar a graduação em História.

E aos amigos, pois o curso foi de muito estudo, mas não apenas. Aos que pelos bares da cidade riram comigo, tornando esse momento mais leve e feliz, em especial: Murilo Chaves e Paula Aguiar.

Por fim, à minha amiga de infância, Isadora de Rosso, que sempre esteve ao meu lado, sonhamos juntas esse momento. Esse diploma é nosso.

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,

salgando-me o rosto e o gosto.

Sou eternamente náufraga,
mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a boia que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas (EVARISTO, 2017)

Resumo

ALFLEN, Mara Inês. **Correio do Colegial: os heróis do Brasil nas páginas de um jornal escolar de Sergipe (1938-1959)**. Orientadora: Lisiane Sias Manke. 2023. 55 f. Monografia (Graduação em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023

A escola é, de fato, uma instituição importante na sociedade. Historicamente é nela que se constroem ideias e ideologias que perpassam a vida dos estudantes, sendo dessa maneira o ensino cada vez mais visado pelos pesquisadores, fazendo com que a escola, seus sujeitos e materiais se tornem fonte e objeto de estudo. Esta pesquisa objetiva analisar as narrativas históricas publicadas no jornal escolar “Correio do Colegial”, do Colégio Jackson de Figueiredo, considerando a abordagem apresentada sobre o herói nacional na construção da imagem de Tiradentes, especialmente quando vinculado à independência do Brasil. Propõe-se investigar as intencionalidades narrativas sobre o herói nacional no ensino de história e identificar relações de ensino e aprendizagem de história permeadas pela cultura histórica da época. O presente estudo se desenvolve a partir da metodologia da análise de conteúdo de textos com conteúdo histórico publicados em 92 jornais escolares, publicados entre 1938-1959.

Palavras chave: Jornais estudantis. Herói nacional. Cultura histórica. Apropriação.

Abstract

ALFLEN, Mara Inês. **Correio do Colegial: the heroes of Brazil in the pages of a school newspaper in Sergipe (1938-1959)**. Advisor: Lisiane Sias Manke. 2023. 55 p. Monograph (Bachelor's Degree in History) – Institute of Humanities, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

School is indeed an important institution in society. Historically, it is where ideas and ideologies are constructed that permeate the lives of students, thus making education an increasingly studied subject by researchers, causing the school, its subjects, and materials to become a source and object of study. This research aims to analyze the historical narratives published in the school newspaper "Correio do Colegial" of Jackson de Figueiredo School, considering the approach presented about the national hero in shaping the image of Tiradentes, especially when linked to Brazil's independence. The goal is to investigate the narrative intentions regarding the national hero in history education and identify teaching and learning relationships in history permeated by the historical culture of the time. This study is developed using the methodology of content analysis of texts with historical content published in 92 school newspapers from 1938 to 1959.

Keywords: Student newspapers. National hero. Historical culture. Appropriation.

Lista de figuras

Figura 1. Colégio Jackson de Figueiredo.....	26
Figura 2. Tiradentes esquartejado.....	34
Figura 3. Alegoria à República.....	38
Figura 4. No Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.....	51
Figura 5. Desfile de 15 de Novembro.....	52
Figura 6. José Joaquim da Silva Xavier.....	53

Lista de gráficos e tabelas

Tabela 1. Periodicidade do jornal.....	20
Tabela 2. Recorrência das temáticas abordadas nos artigos.....	28
Tabela 3. Textos sobre Tiradentes	29
Gráfico 1: Eventos históricos associados a Tiradentes no jornal.....	47
Gráfico 2: Meses de publicação de textos sobre Tiradentes.....	48

Sumário

1-Introdução.....	12
2- A imprensa estudantil através do Jornal Correio do Colegial.....	15
2.1- O jornal Correio do Colegial: fonte de pesquisa.....	25
3- O herói da Independência: Tiradentes.....	32
4- O herói do Correio do Colegial.....	43
5- Considerações finais.....	54
6-Bibliografia.....	56

1- Introdução

A escola é, de fato, uma instituição importante na sociedade. Historicamente é nela que se constroem ideias e ideologias que perpassam a vida dos estudantes, sendo dessa maneira o ensino cada vez mais visado pelos pesquisadores, fazendo com que a escola, seus sujeitos e materiais se tornem fonte e objeto de estudo.

Muito se tem discutido, recentemente, acerca da História do Ensino de História, considerando a relevância da disciplina para formação histórica dos indivíduos. Para tanto, ao longo das últimas décadas, o livro didático passa a ser mais visado pelos pesquisadores, como fonte e objeto de pesquisa, em uma tentativa de desmistificar esse complexo objeto cultural, que faz parte do cenário escolar brasileiro desde o século XIX (BITTENCOURT, 1993, p.5). De tal maneira, se faz necessário ressaltar que o livro didático foi, nesse contexto, material norteador, tanto para professores como para alunos nas aulas de história (BITTENCOURT, 1993, p.5), sendo importante colaborador para a formação da consciência e cultura histórica de várias gerações (RUSEN, 2016, p.55).

Outro material que faz parte da cultura escolar e vem sendo revisitado e estudado por pesquisadores da área de história e educação é o jornal escolar, produzido na Europa e no Brasil desde o século XIX. No século XX, em algumas instituições de ensino, seguindo os princípios da pedagogia de Freinet, que incentiva a imprensa escolar como uma ferramenta de ensino da leitura e escrita, além de contribuir para a melhor compreensão do meio em que o aluno vive e como se relaciona com o mesmo (FREINET, 1974).

No campo das pesquisas sobre “Imprensa estudantil” pode-se destacar Martinelli e Machado (2021), que assim se referem a área para abarcar de forma mais ampla a produção dos estudantes, considerando os sujeitos que escrevem e não o local onde escrevem; chamam, assim, de imprensa estudantil os periódicos escritos por estudantes. Para as autoras, a imprensa estudantil pode, ainda, ser dividida em duas categorias, segundo o lugar de produção: imprensa escolar e imprensa estudantil: “a imprensa escolar era aquela redigida por estudantes dentro da escola, como uma atividade escolar. Por ser uma atividade solicitada na escola, havia a mediação, o

direcionamento ou o cerceamento do adulto no processo” (MARTINELLI; MACHADO, 2021, p.6). Dessarte, as autoras atentam para falta de autonomia dos estudantes nas suas escritas, uma vez que havia intervenção da instituição de ensino na produção do periódico. Nesse mesmo viés:

A imprensa estudantil, por sua vez, era realizada por iniciativa dos estudantes, desvinculada da instituição de ensino que seus redatores frequentavam. Os alunos se reuniam em associações literárias, sem qualquer ligação com as instituições de ensino, para escreverem jornais de forma autônoma, o que tornava sua escrita relativamente livre (MARTINELLI; MACHADO, 2021, p.6).

Assim, considerando as duas categorias propostas pelas autoras, o Jornal Correio do Colegial, objeto deste estudo, será apresentado aqui como imprensa escolar, pois o mesmo é criado dentro da instituição de ensino e possui como redatora a professora de português, sendo permeado pelas normas do colégio em que se originou.

Nesse sentido, o jornal escolar “Correio do Colegial”, do Colégio Jackson de Figueiredo (Aracaju, SE), apresenta-se como fonte em potencial para o estudo da apropriação que os estudantes desta instituição de ensino produziam sobre a experiência histórica no tempo, possivelmente decorrente das aulas e do conteúdo trabalhado na disciplina de História. Visto a significativa quantidade de escritos com temas históricos que exaltam os heróis nacionais e denunciam os inimigos da pátria, publicados neste jornal, que apresentam indícios sobre o ensino e a relação com a história à época.

O “Correio do Colegial” é um jornal escolar da cidade de Aracaju, Sergipe, publicado de 1938 até 1973, pelo colégio particular, não confessional, Jackson de Figueiredo. O acervo físico está localizado na Biblioteca Pública Epifânio Doria, em Aracaju. Para a presente pesquisa foi consultado o acervo digital, criado através do projeto “Os jornais estudantis de Sergipe (1874-1959): práticas educativas pela ótica dos discentes do secundário”, que engloba também outros jornais estudantis da cidade. O acervo do Correio do Colegial conta com 103 jornais, sendo analisados aqui apenas do número 1 ao 92, correspondentes aos anos de 1938 a 1959, escritos por estudantes do ensino primário e secundário.

Sendo assim, a pesquisa objetiva analisar as narrativas históricas publicadas no jornal escolar “Correio do Colegial”, do Colégio Jackson de Figueiredo, considerando a abordagem apresentada sobre o herói nacional na construção da imagem de Tiradentes, especialmente quando vinculado à independência do Brasil. De modo mais específico, propõe-se investigar as intencionalidades narrativas sobre o herói nacional no ensino de história e identificar relações de ensino e aprendizagem de história permeadas pela cultura histórica da época.

A presente pesquisa apresenta três capítulos. O primeiro contempla as fontes que serão usadas na pesquisa, trazendo uma revisão historiográfica de trabalhos sobre imprensa estudantil, com conceitos importantes para discutir cultura escrita, jornal escolar e imprensa estudantil. Será tratada também, de forma breve, a história do Colégio Jackson de Figueiredo, instituição mentora do impresso em evidência. O segundo capítulo abarca discussões historiográficas em relação a história do Brasil, principalmente em torno da figura de Tiradentes, perpassando três eventos principais: a Inconfidência Mineira (1792), Independência do Brasil (1822) e Proclamação da República (1899), discutidos por Carlos Balarotti e Thais Fonseca, José Murilo de Carvalho, Boris Fausto, Lília Schwarcz, Heloisa Starling e Paulo Miceli. Portanto, será abordado neste capítulo a construção do imaginário e o conceito de herói nacional.

Por fim, realiza-se a análise dos textos presentes nos jornais, verificando as apropriações dos estudantes escritores, buscando compreender de forma mais específica como esses alunos constroem e representam o herói Tiradentes, e em que momentos da história do Brasil o fazem. Essas características são relevantes para decodificar a cultura histórica dessa época. Deste modo, os conceitos de cultura histórica e consciência histórica, discutidos pelo historiador Jörn Rusen, assim como, o conceito de apropriação, desenvolvido por Roger Chartier, tornam-se fundamentais para compreender como se dá a escrita dos textos históricos pelos alunos do Colégio Jackson de Figueiredo e que saberes que mobilizam para essas escritas.

2- A imprensa estudantil através do Jornal Correio do Colegial

Os estudos que se ocupam da cultura escrita abarcam as práticas de escrita e leitura realizadas no contexto escolar, e para além dessa instituição. No que se refere ao espaço da escola torna-se relevante compreender através de investigações históricas o papel desempenhado pelos estudantes, enquanto protagonistas das práticas de leitura e escrita, observando a cultura em que estão inseridos.

Nesse sentido, o livro do historiador Roger Chartier, denominado *Cultura escrita, literatura e história*, se faz obra relevante para o estudo de impressos, tais como o livro didático e dos periódicos estudantis. Esse livro é escrito a partir de perguntas feitas a Chartier, geradas por inquietações nas leituras de seus textos anteriores, formando um texto que perpassa uma série de questões que o autor problematiza ao longo de sua trajetória (CHARTIER, 2001). Assim, esse texto cabe na presente pesquisa por trazer ideias sobre o jornal, como meio de comunicação no qual há atuação de diferentes sujeitos: o escritor, o editor, o leitor. O autor também disserta sobre a história da leitura, questão pertinente para pensar os usos e apropriações desse material (CHARTIER, 2001).

Ao considerar a história do livro e da leitura, aponta que "o livro existe desde a antiguidade, mas não da mesma forma. O mesmo acontece com a categoria de leitura" (CHARTIER, p.20, 2001). Ao analisar os trabalhos até então realizados, Chartier critica a falta de atenção para um aspecto do texto: sua materialidade. Para o autor, o texto não existe fora de sua materialidade, pois esta interfere diretamente no processo de produção de sentido: o ato de ler muda conforme o suporte do texto; ler um pergaminho implicava em outra maneira ao códice, que está perdendo espaço para os suportes digitais. A leitura também sofre mudanças, pois vai passando de uma atividade oral e coletiva para uma leitura silenciosa e privada, o que se observa também no livro didático e jornal (CHARTIER, 2001).

Chartier, alega que para fazer um estudo da história do livro e da educação, é preciso recorrer à sociologia das populações educadas, para definir primeiramente qual é o público que frequentou as escolas, colégios e universidades e que teve acesso aos

livros. Após, é possível partir para a história dos programas e dos materiais que delimitam o ensino. Sobre a escrita, entende que:

O poder sobre a escrita é outro tema. Refere-se às concorrências para definir uma norma escrita, as formas de ensino da escrita, os usos legítimos dessa capacidade segundo os estamentos e camadas sociais, ou a divisão entre os sexos. Segundo uma tradição na cultura ocidental, a mulher devia saber ler, mas não ter a capacidade de escrever. A leitura é um veículo que impõe autoridade. O texto transmite em sua leitura (ao menos é o que pensam os produtores de texto) uma ordem, uma disciplina, uma forma de coação (CHARTIER, 2001, p.24).

Na esteira dessas ideias, Chartier apresenta que a relação da escrita e leitura dentro de uma sociedade implica relações de poder, de permanências ou rompimentos da ordem patriarcal, econômica ou até religiosa, tema que tem sido mais averiguado pelos estudiosos da cultura escrita.

Bittencourt (1993, p.5), seguindo as ideias de Chartier, sobre usos e apropriações dos textos, expõe que a leitura é um ato contraditório, que necessita de estudo, ou seja, a leitura e a escrita não fazem parte do comando do óbvio: é necessário problematizar essas atividades tão inerentes à cultura contemporânea. Assim, o conceito de apropriação cunhado por Chartier contribui para percepção da ação ativa dos sujeitos nos processos de leitura e escrita, com se observa:

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processo que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas (...) (CHARTIER, 1990, p. 27).

Dentre as pesquisas que recorrem ao referencial teórico desenvolvido por Chartier, destaca-se o estudo realizado por Simone Paixão Rodrigues, autora da Tese *Com a palavra, os alunos: associativismo discente no grêmio literário Clodomir Silva (1934 - 1956)*, que analisa os jornais produzidos pelo grêmio estudantil, nos quais é notável o ativismo dos alunos. Rodrigues se debruça sobre os periódicos impressos de 1934 a 1954, que já tiveram diferentes nomes: *A voz do Atheneu*, *A voz do estudante* e o *Atheneu*, de autoria do próprio grêmio, que através das suas páginas chamava os estudantes a se unirem enquanto classe e reivindicar seus direitos. O jornal era

organizado pelo grêmio, e em grande parte escrito por ele, mas recebia artigos e poemas de seus associados e até de alunos de outras instituições. (RODRIGUES, 2015).

Este jornal, por ser de organização estudantil, carecia de padrões tipográficos e de escrita, pois a autora observa alternância do papel utilizado, do tamanho e da qualidade do papel, os quadros que compõem o jornal também variam, sendo o de poemas sempre presente, enquanto os demais apareciam em só algumas edições. Ainda, o jornal não foi de produção contínua, de forma que houveram intervalos de tempo sem publicação alguma, o que pode se dar devido ao término do ensino dos alunos, que ao concluírem a escola, saíam do grêmio (RODRIGUES, 2015). Rodrigues destaca, ainda, que, diferente de outros jornais estudantis, os do grêmio literário *Clodomir Silva* não possuem textos de caráter cívico ou de devoção religiosa, como era comum no período, e como fazia parte do ensino nas escolas; pelo contrário, tinha a proposta de não adentrar em assuntos políticos, resguardadas algumas exceções (RODRIGUES, 2015).

Chartier ao tratar sobre a história do jornal, considera que a partir do século XVIII, esses impressos passam a se emancipar do livro e ter características de um periódico, que divulga os acontecimentos políticos e da vida cotidiana. Para maior circulação, começa-se a produzi-lo por um preço mais baixo, e distribuí-lo por meio do correio. Consequente, a produção do jornal em grande escala, e o fato de não ser um texto feito para releituras, torna-o geralmente descartável. Assim sendo, estudos como os de Rodrigues acentuam dificuldades pela falta de salvaguarda desses impressos, que estão repletos de representações históricas, que fizeram parte do cotidiano de muitas sociedades, incluindo a brasileira. No caso dos jornais estudantis, estes são, ainda, potenciais para compreensão da cultura histórica e cultura escolar, nos quais pode-se observar a consciência histórica dos alunos autores (RUSEN, 2001).

Para melhor compreender cultura histórica, Rusen exemplifica:

A cultura histórica contempla as diferentes estratégias da investigação científico acadêmica, a criação artística, a luta política pelo poder, a educação escolar e extra escolar, o ócio e outros procedimentos da memória histórica pública, como concretizações e expressões de uma única potência mental. Deste modo, a cultura histórica sintetiza a universidade, o museu, a escola, a administração, a

mídia, e outras instituições culturais como conjunto de lugares da memória coletiva, e integra as funções de ensino, de entretenimento, da legitimação, da crítica, da distração, da ilustração e de outras maneiras de rememorar, na unidade global da memória histórica (2016, p. 56).

Ou seja, a formação e circulação de determinado conjunto de ideias em uma sociedade, uma maneira de interpretar, rememorar os acontecimentos do passado, por um grupo de pessoas, é o que será entendido aqui como cultura histórica.

Para Gontijo, o conceito de cultura histórica “refere-se ao modo como as pessoas ou os grupos humanos se relacionam com o passado”, a forma como os sujeitos situam suas experiências no tempo e espaço. Para ela, o conceito é englobante, pois “envolve variados processos por meio dos quais interpretamos, atribuímos sentido e transmitimos experiências ocorridas em tempo próximo ou distante, direta ou indiretamente”, contribuindo para criar representações históricas (2019, p. 66).

Ainda, Gontijo afirma:

O trabalho de interpretar, atribuir sentido e transmitir experiências envolve múltiplos agentes - entre os quais estão os historiadores de ofício, os jornalistas, os cineastas, os literatos, os artistas etc. - e meios - a historiografia, a imprensa, o cinema, a literatura, as artes plásticas etc (2019, p. 66).

A constituição da cultura histórica se dá na vida cotidiana, em ambientes escolares e não escolares, envolvendo inclusive criações artísticas, pois as mesmas podem representar a maneira como determinada sociedade entende seu passado.

Nesse mesmo viés, é significativo trazer o conceito de consciência histórica, também discutido por Rüsen, que o qualifica para descrever melhor os mecanismos individuais de relação com a experiência humana no tempo. Assim:

A consciência histórica tem podido ser descrita como uma realidade elementar e geral de explicação humana do mundo e de si mesmo, e assim tem sido elevada à categoria de um tema de investigação próprio, de significado inquestionavelmente prático para a vida. Da consciência histórica há somente um pequeno passo para a cultura histórica (Rüsen, 2016, p. 53).

À vista disso, entende-se que a consciência histórica opera subjetivamente nos indivíduos, de forma que a relação com essa experiência humana no tempo lhe oriente nas decisões da vida prática presente, ou seja, os indivíduos mobilizam seu

conhecimento histórico para viver o momento atual. Nesse mesmo sentido, “se pode definir a cultura histórica como a articulação prática e operante da consciência histórica na vida de uma sociedade” (Rüsen, 2016, p. 53).

No cenário brasileiro, o autor Estevão de Rezende Martins apresenta a consciência histórica como algo inerente à existência de todos os sujeitos, adquirida e construída ao longo do tempo e refletida no seu processo existencial, sem haver, necessariamente, uma ligação com a historiografia. De acordo com Martins, a consciência histórica é constituída de dois elementos: “o da identidade pessoal e o da compreensão do conjunto social a que pertence, situados no tempo”, relacionados diretamente à vida prática (MARTINS, 2019, p. 55-58).

A fim de melhor explicar a relação entre consciência e cultura histórica, o autor afirma que a “Cultura histórica é o ‘acervo’ dos sentidos constituídos pela consciência histórica humana ao longo do tempo. A consciência histórica precisa da memória - individual e coletiva - como referência dos conteúdos” (MARTINS, 2019, p. 55). Esses conceitos e sua relação são importantes na compreensão do jornal O Correio do Colegial, pensando na análise das apropriações dos estudantes e da cultura histórica escolar que pode ser entendida a partir de seus escritos.

No campo das pesquisas sobre “Imprensa estudantil” pode-se destacar ainda, o estudo realizado por Martinelli e Machado, que no artigo “A produção periódica estudantil oitocentista”, realizam um mapeamento de publicações periódicas estudantis do século dezoito a partir do acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, apresentando a produção brasileira do período e discutindo possibilidades de análise de tais periódicos (MARTINELLI, MACHADO, 2021, p.3). Em tal estudo apontam, quantitativamente, que o auge da produção de periódicos estudantis se dá nas décadas de 1870 e 80, período que compreende o fim da monarquia no Brasil, sendo os jornais espaço de discussão e debate entre republicanos e monarquistas (MARTINELLI, MACHADO, 2021, p.16).

As autoras observam a relevância do jornal estudantil no contexto brasileiro, pois este cumpria “o papel de preencher uma lacuna por materiais de leitura para a mocidade brasileira, além de servir como um espaço de escrita e expressão das ideias juvenis” (MARTINELLI; MACHADO, 2021, p.4). Nesse sentido, os textos nos periódicos eram de natureza diversa e contemplavam em seu bojo também a escrita literária, que

compensava a falta de livros, sendo espaço de iniciação escritora para autores brasileiros renomados, como Raul Pompéia, Aluísio de Azevedo e Machado de Assis (ARNT, 1990 apud MARTINELLI; MACHADO, 2021, p.22).

É necessário lembrar que o recorte temporal das autoras é referente à Monarquia, período em que a escola era restrita à elite, sendo assim uma população majoritariamente analfabeta, de pouca produção editorial de livros. Assim, pode-se dizer que “por meio dos jornais literários, a literatura circulou e se popularizou, ganhando estima do público leitor brasileiro” (MARTINELLI; MACHADO, 2021, p.22).

Ao fazer o levantamento dos jornais estudantis, as autoras indicam que há poucos jornais que tenham sido salvaguardadas todas as edições, e que a maior parte das publicações era efêmera, sendo em geral, muito oneroso para os estudantes manter o jornal. Os periódicos eram vendidos aos estudantes, o que financiava sua produção; era comum que no jornal os estudantes apelassem aos seus colegas, para que fosse viável seguir a publicação (MARTINELLI; MACHADO, 2021, p.24) Esse aspecto é visível no caso do jornal Correio do Colegial, no qual aparecem chamamentos para assinatura como também para a contribuição na escrita do mesmo. Ao deter-se a periodicidade do jornal, é possível identificar lacunas em sua publicação (períodos em que o jornal não é publicado), de meses e até de um ano inteiro, o que é o caso de 1946. No quadro que segue é possível observar a periodicidade do Jornal Correio do Colegial:

Tabela 1: Periodicidade do jornal

Ano	Quantidade de jornais publicados
1938	4
1939	8
1940	8
1941	9
1942	7

1943	10
1944	8
1945	2
1946	0
1947	6
1948	4
1949	4
1950	1
1951	3
1952	3
1953	2
1954	1
1955	2
1956	1
1957	1
1958	2
1959	4
Total	92

Fonte: produzida pela pesquisadora

Ao se tratar de estudos que tomam jornais produzidos no mesmo período do jornal *Correio Colegial*, faz-se pertinente apresentar o trabalho de Cunha (2013), denominado *Das mãos para as mentes: Protocolos de civilidade em um jornal escolar/SC (1945-1952)*, pesquisa realizada em jornais escolares de Santa Catarina, visando protocolos de civilidade no momento em que o Brasil posiciona-se e participa

da Segunda Guerra Mundial. Tal trabalho contribui para refletir sobre as práticas educativas do século passado reproduzidas nas escritas dos estudantes (2013, p. 150).

Para a autora :

Pode-se considerar as práticas escolares desenvolvidas no âmbito dessas associações como um produto das exaltações cívicas, imbuídas de um certo fervor patriótico de cunho nacionalista para promover o revigoramento do amor pátrio em razão da participação, considerada vitoriosa, do Brasil na Segunda Grande Guerra e pode-se constatar que tais iniciativas constituíam o cerne dos projetos políticos do Estado traçados especialmente para a educação e cultura (CUNHA, 2013, p.150).

Por conseguinte, ao realizar a análise da fonte (jornal escolar) compreender a conjuntura política do momento de produção, as leis de ensino que regiam os espaços de escrita, ajudam a desmistificar os textos escritos pelos estudantes de outrora. Pensando no contexto de produção do *Correio do Colegial*, o movimento da Escola Nova e Estado Novo são elementos a serem considerados.

Cunha toma como fonte o *Jornal Pétalas*, escrito e ilustrado manualmente por meninas, que ostenta vestígios de práticas educativas e culturais referentes à protocolos de civilidade, possibilitando compreender permanências e mudanças da cultura escrita e escolar, contribuindo para as áreas da história da educação e do ensino de história (2013, p. 155-156). De acordo com a autora , o período de produção do *Jornal Pétalas*, contava com estímulos legislativos e foi “um recurso de ensino que contribuiu para dinamizar a ação educativa e estimular a participação discente na vida escolar”, por meio de seu envolvimento na produção, circulação e leitura (CUNHA, 2013, p. 156).

Ainda, de acordo com Bastos, o jornal escolar era uma instituição complementar, associada e auxiliadora da escola, que no início do século XX foi estimulada pelos princípios da Escola Nova. Nesse sentido “destaca-se o jornal escolar elaborado pelos alunos, como atividade de sala de aula ou extraclasse”, sendo possível encontrar os vestígios desses jornais no Brasil desde o século XIX (2013, p. 7).

A autora aponta:

Os impressos de alunos, em diferentes níveis de ensino, são documentos importantes para analisar a cultura escolar e suas práticas. Na historiografia da História da Educação no Brasil encontram-se vários estudos com impressos escolares ou impressos estudantis, mas são poucas as pesquisas que

privilegiam aqueles produzidos por alunos, de diferentes níveis de ensino – ensino primário, ensino médio e ensino superior - que decorre da sua pouca conservação, pois muitos deles foram manuscritos (2013, p. 9).

Dessa maneira, a autora sinaliza a escassez de estudos em fontes produzidas no ambiente escolar pelos sujeitos que majoritariamente o frequentam: os alunos. Tendo em vista a descartabilidade desses materiais tão ordinários do cotidiano infantil e juvenil, há dificuldades em pesquisar essas fontes, uma vez que os acervos possuem lacunas temporais, dificilmente são completos e sequenciais (BASTOS, 2013, p. 9).

Contudo, de modo a compreender a cultura histórica escolar que constitui a sociedade em determinada época, os estudos realizados no campo da História do ensino de história se faz relevantes. É o caso do livro “História e ensino de história”, de Thais de Lima e Fonseca, o qual contempla estudos que partem da análise de livros didáticos de história e materiais produzidos pelos alunos, como jornais estudantis, ao discutir a representação de Tiradentes como herói nacional. A autora destaca a preocupação do Estado brasileiro em trazer para o ensino de história os heróis nacionais e as datas cívicas, que serviriam de referência aos pequenos estudantes, a partir da década de 1930. Segundo a autora:

A ressonância dos movimentos diretivos da educação moral e política podia ser sentida em trabalhos realizados por estudantes das escolas primárias e secundárias, muitas vezes publicados nos jornais de maior circulação, como parte das estratégias pedagógicas nos momentos comemorativos (FONSECA, 2011, p.78).

Assim sendo, há evidências desse ensino de história ufanista que não acaba no livro didático, mas que é repetido pelos alunos em suas produções escritas. Desde o século XIX, a historiografia nacionalista se empenha em ilustrar a origem da nacionalidade e cultura brasileira, de modo a recorrer à Inconfidência Mineira e Tiradentes como símbolos históricos nacionais, que são legitimados no pós-30, passam a ser vistos na maior parte dos eventos cívicos a partir de então (FONSECA, 2011, p.72-73).

Fonseca adverte ainda que é a instalação da República que faz ressurgir a representação de Tiradentes e da Inconfidência, pois a historiografia anterior a 1889 desconsiderava a relevância desse episódio na formação do Brasil independente. Há,

de fato uma busca maior pela ideologia de pátria e consolidação das figuras nacionais na década de 30, inclusive com o repatriamento, em 1930, das cinzas dos inconfidentes que morreram no exílio africano, além da criação do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, Minas Gerais (FONSECA, 2011, p.74-75).

Balaroti (2017) corrobora também que a construção da história do Brasil tem seu auge na transição da Monarquia para a República, devido a necessidade de semear na sociedade valores republicanos, criando assim os símbolos e rituais que representam o Brasil do Novo Regime. Nem tudo teve aderência popular, mas a figura de Tiradentes como herói passa a ser fortemente reconhecida e venerada. Não é que a República tenha descoberto Tiradentes, mas os republicanos se apropriaram de sua imagem pela necessidade de apagamento do antigo herói nacional, D. Pedro I, que representava a monarquia; era preciso um herói nacional republicano (BALLAROTI, 2009, p. 202).

Nesse mesmo sentido, José Murilo de Carvalho argumenta que esse herói republicano “deveria ser um instrumento eficaz para atingir a cabeça e o coração do povo” (2017, p. 16). Dentre as figuras históricas, não por acaso, teria sido Tiradentes o escolhido, pois sua história tinha traços de sacralidade, da traição de amigos e de morte sem resistência em defesa de seu povo, o que renderia mais tarde representações que o assemelham a Jesus.

Nessa perspectiva, Fonseca declara que as produções dos alunos expressam referências historiográficas, que circulavam na escola e na literatura infantil. Usando o exemplo de jornais cariocas e mineiros, foi possível observar desenhos infantis com a representação sacralizada de Tiradentes, que refletem imagens dos livros didáticos e outros materiais que os alunos consumiam (2011, p.86).

Nesse âmbito, é possível apontar os esforços do Estado em fazer florescer nos jovens de então o sentimento de nacionalidade, de culto aos vultos nacionais, a partir da escola e principalmente do ensino de história, produzindo e reproduzindo tais ideologias. Martinelli e Machado salientam:

Na busca por firmar-se enquanto nação autônoma, urgia ao Estado brasileiro o ordenamento de um aparato que lhe assegurasse sustentação. A imprensa, a educação e a literatura foram ferramentas fundamentais utilizadas para formação de uma consciência nacional entre a população. A instrução e a literatura estavam em evidência por serem, conforme destacamos, ferramentas

para a sustentação e consolidação da nação brasileira: a instrução, por meio da formação de sujeitos instruídos intelectual e moralmente, capazes de uma atuação coerente e consciente na pátria; a literatura, mormente a romântica, por meio da criação de textos originais brasileiros, com forte teor patriótico e ufanista, que davam visibilidade e enalteciam as paisagens e o povo brasileiro, criando símbolos e uma memória nacional (2021, p.16).

Ou seja, a necessidade de legitimação de um regime político e, no caso do Brasil, de garantir, além disso, a continuidade da unidade federativa, fez com que a escola se tornasse ferramenta importante para a construção da “nação brasileira” (MARTINELLI; MACHADO, 2021, p. 16).

1.1 O jornal correio do Colegial: fonte de pesquisa

Assim, com o objetivo de compreender questões que tangenciam os estudos historiográficos apresentados até aqui, a partir do referencial teórico que oferece base conceitual aos estudos sobre imprensa escolar, a presente pesquisa terá como fonte o jornal “Correio do Colegial”, publicado de 1938 a 1973, na cidade de Aracaju, Sergipe. O jornal foi escrito por alunos sob orientação de professores do Colégio Jackson de Figueiredo, colégio não confessional e particular, fundado por Benedito de Oliveira e Judite de Oliveira¹, no ano de 1938, seguindo as atividades até 1980.

Apesar de se tratar de uma instituição laica, Pimentel atenta para o fato de que os diretores tinham proximidade com a Igreja católica e acreditavam que a religião seria importante para “elevar o nível espiritual e moral dos educandos”, de forma a incentivar que estes seguissem os princípios cristãos. (2010, p. 58). A autora, ao entrevistar ex-alunas e professoras do colégio, constata que: “A diretora do educandário exigia dos alunos a prática dos deveres religiosos católicos. Na aula, os estudantes rezavam todos os dias, no início e no fim do período escolar, e cantavam cânticos religiosos” (2010, p. 136). Assim, o catolicismo fazia parte do cotidiano escolar, algo não incomum à época.

¹ *Benedito era natural de Santana do Ipanema, cidade de Alagoas. Nasceu em 22 de agosto de 1906 e se mudou para Aracaju para estudar odontologia e trabalhou no Colégio Tobias Barreto. Estudou odontologia em Sergipe e na Bahia, mas não concluiu o curso em nenhum lugar, pois era filho de agricultores e teve dificuldades financeiras para custear seus estudos. Casou-se com Judite Rocha em 1937 e em 1938 fundou o Colégio Jackson Figueiredo.* (PIMENTEL, 2010, p. 39)

A escola, formadora da elite sergipana e alagoense, tinha como lema “instruir e educar” (PIMENTEL, 2010, p. 136).

Figura 1: Colégio Jackson de Figueiredo.



Fonte: Jornal Correio do Colegial (n. 6 – 1939, mês de maio)

O empreendimento de criar um “jornalzinho”, como era denominado pela escola, logo no primeiro ano da instituição, por iniciativa dos professores e direção do colégio se dá “com o intuito de fazer com que os alunos aperfeiçoassem sua escrita e ao mesmo tempo informassem as notícias da escola e do Estado”, sendo escrito pelos alunos e revisado pela professora de português, Maria Odete de Figueiredo Mesquita.

De acordo com Pimentel, “o Correio do Colegial consistia em um veículo de comunicação de cunho cultural, literário, social e pedagógico” (2010, p.103).

O periódico continha uma variedade de publicações, com o formato e o conteúdo oscilando a cada edição. Ele abrangia desde notícias relacionadas ao desempenho acadêmico, listas dos melhores alunos até artigos sobre valores morais, nos quais os textos exploravam experiências escolares, promovendo e disseminando o conceito do aluno ideal. Embora os artigos fossem assinados pelos próprios estudantes, eles refletiam os princípios morais promovidos pela instituição educacional. Os textos também ofereciam exemplos de comportamentos tanto exemplares quanto inadequados de alunos, evidenciando assim a função educacional do impresso.

O *Correio do Colegial* esteve em circulação entre os anos de 1938 e 1973. Os textos eram impressos em folhas que mediam 24 cm, na horizontal, por 32 cm, no sentido vertical, possuindo 4 a 8 páginas, característica variante devido à periodicidade do impresso. Inicialmente era de publicação mensal durante o calendário letivo, março a novembro, o que ao longo dos anos perde a regularidade, de forma que por vezes são criadas três ou até menos edições anualmente. O periódico era impresso na cor preta, mas há exceções, como uma edição em vermelho e outra em azul.

O que interessa na presente pesquisa são textos com conteúdos históricos, que se referem a eventos e figuras históricas, os quais foram catalogados e organizados em tabelas, de modo que fosse possível delimitar o recorte temporal por conta da maior recorrência desses textos. Ainda que o jornal tenha circulado até o ano de 1973, analisa-se nesta pesquisa apenas os exemplares publicados até 1959, que são as edições com maior presença de narrativas históricas, escritas em sua maioria por alunos do ensino primário.

Em termos metodológicos a análise ocorreu inicialmente com uma leitura dinâmica dos exemplares, depois partindo para um mapeamento de todas as matérias de conteúdo histórico presentes em todos os exemplares do jornal. Justamente ao fazer esse mapeamento, foi possível perceber a recorrência de textos sobre Tiradentes, tratado, via de regra, como “herói da pátria”.

A motivação para realização da pesquisa surge do estranhamento em relação a recorrência e importância dada a figura de Tiradentes neste jornal, o que distancia-se

da cultura histórica atual, na qual pouca menção se percebe a figura de Tiradentes, considerando inclusive as narrativas existentes nos livros didáticos sobre História do Brasil. Outro estranhamento foi justamente a Proclamação da República ou a Independência sendo associada a Tiradentes, uma vez que este foi líder da Inconfidência, e não dos demais movimentos, que são posteriores à sua morte.

A partir destas questões, surge a necessidade de entender a origem dessas interpretações, ou seja, as bases da cultura histórica compartilhada por essa geração de estudantes, questionando assim, se tais representações eram próprias desta escola, de um determinado professor, ou mesmo dos livros e demais materiais didáticos que circulavam à época.

Após mapear os textos de cunho histórico presentes em todas as edições do jornal, foi criada uma tabela com a localização da matéria, o título e uma breve descrição do conteúdo. Assim, foi possível verificar quais temáticas foram mais recorrentes no jornal Correio do Colegial (ver Tabela 2). Os títulos costumam ser o nome de figuras históricas, ou eventos históricos, ou mesmo datas comemorativas, a título de exemplo: 15 de novembro, Tiradentes, Independência do Brasil.

Tabela 2– Recorrência das temáticas abordadas nos artigos

Temas (1938-1959)	Quantidade
Bandeira, hino, pátria	29
Independência do Brasil, D Pedro I, 7 de setembro, Semana da pátria	28
Tiradentes e Inconfidência Mineira	24
Duque de Caxias, Guerra do Paraguai, Guerra dos Farrapos	14
Descobrimento da América / Brasil	13
Proclamação da República, D. Pedro II	11
Educação, livros, escritores, compositores, cientistas	11
Colonização do Brasil e povos originários	11
Segunda Guerra Mundial, Força Expedicionária, Brasil na Guerra	10
Escravidão e abolição	10

Personalidades históricas (José de Anchieta, Rui Barbosa, Getúlio Vargas, Santos Dumont, outros)	30
--	----

Fonte: produzida pela pesquisadora

A quantidade de vezes que a Independência do Brasil e a Proclamação da República aparecem, mostram a importância dada a estes eventos na escola, sendo os heróis nacionais que tiveram participação ou protagonismo nestes mesmos eventos, citados diversas vezes como exemplos a serem seguidos, de defesa da nação. Há ainda a sacralização, como no caso de Tiradentes, que é comparado a Cristo, havendo narrativas que insinuam essa semelhança .

Das páginas do Correio do Colegial, foram selecionadas especificamente matérias que possuem narrativas sobre Tiradentes, Inconfidência Mineira e Independência do Brasil, a fim de compreender como se dá a apropriação dos alunos escritores do Correio do Colegial sobre essa temática, que saberes mobilizam para a criação de tais textos. Entre os anos de 1938 e 1959 são publicados vinte e quatro textos sobre Tiradentes, indicados na Tabela 3.

Tabela 3– Textos sobre Tiradentes

Número	Ano	Mês	Título da matéria	Autor
N. 1	1938	Ago.	Tiradentes	Valter Campos
N. 3	1938	Out.	Fato Histórico	Valter Campos
N. 6	1939	Mai.	No Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe	José Alves
N. 20	1940	Out.	Tiradentes	
N. 32	1942	Abr.	Inconfidência Mineira	Silas Barreto Dantas
N. 32	1942	Abr.	Tiradentes	... de Belmiro Silva
N. 32	1942	Abr.	Tiradentes	Carmen Curvelo

N. 33	1942	Mai.	Tiradentes	Antônio Carlos Bezerra
N. 41	1943	Abr.	Tiradentes	Reinaldo Menezes
N. 43	1943	Jun.	Tiradentes	Carloman Borges
N. 46	1943	Set.	Joaquim José da Silva Xavier “o Tiradentes”	Manuel Alírio Milet
N. 49	1944	Abr.	Tiradentes	José de Fortunato Pinto
N. 50	1944	Mai.	José Joaquim da Silva Xavier	Marcília Guimarães
N. 57	1945	Ago.	Tiradentes	José Augusto Machado Almeida
N. 58	1945	Nov.	Tiradentes	Luciano Vieira
N. 68	1948	Nov.	Tiradentes	Euclides Ribeiro T.
N. 69	1949	Ago.	Tiradentes	Cláudia Lima
N. 70	1949	Set.	Tiradentes e o Grito do Ipiranga	José Leonardo Neto
N. 72	1949	Nov.	Proclamação da República	José Wolney dos Anjos
N. 73	1950	Nov.	15 de novembro	José Augusto Lima Bareo
N. 75	1951	Ago.	Inconfidência Mineira	João Augusto Lima Baretto
N. 83	1955	1º semes tre	A glória de Tiradente	Magnolia M.
N. 88	1958	Jun.	Tiradentes	Amenália Nunes
N. 90	1959	Ago.	Tiradentes	Eduardo Antônio Conde Garcia

Fonte: produzida pela pesquisadora

O presente estudo se desenvolve a partir da metodologia da análise de conteúdo, que de acordo com Galvão e Melo, se configura em estudar a forma como determinados assuntos são tratados em certos textos. Para isso, é imprescindível considerar o contexto histórico, local e os sujeitos produtores do texto, a fim de evitar anacronismos (2019, p.223-253). As autoras indicam alguns instrumentos para realizar

análise qualitativa e quantitativa, como construção de quadros, tabelas, gráficos e bancos de dados. Além disso, a análise do texto, deve também compreender estratégias discursivas dos autores e editores (GALVÃO; MELO, 2019, p. 223-253). A partir de tais orientações metodológicas que, este estudo se propõe a analisar narrativas sobre Tiradentes nos jornais do Correio do Colegial.

3- O herói da Independência: Tiradentes

A Inconfidência Mineira, segundo Boris Fausto, se deu devido a problemas regionais, que coincidiram com a importação de ideais europeus e norte-americanos. No século XVIII, os membros da elite brasileira que estudavam, o faziam na Europa e América do Norte, sofrendo influências em seus intercâmbios e trazendo ideias para o contexto brasileiro. Desses brasileiros, parcela considerável era de Minas Gerais (Fausto, 1998, p.114). Fausto exemplifica dois desses estudantes, que buscavam no exterior apoio para um movimento de independência e revolução no Brasil:

José Joaquim da Maia, ingressou na Faculdade de Medicina de Montpellier na França, em 1786. Naquele ano e no ano seguinte teve contatos com Thomas Jefferson, então embaixador dos Estados Unidos na França, solicitando apoio para uma revolução que, segundo ele, estava sendo tramada no Brasil. Um participante da Inconfidência, José Álvares Maciel, formou-se em Coimbra e viveu na Inglaterra por um ano e meio. Aí aprendeu técnicas fabris e discutiu com negociantes ingleses as possibilidades de apoio a um movimento pela independência do Brasil (1998, p.114).

Nesse sentido, as intenções de revoltar-se contra a Coroa portuguesa já circulavam entre estudantes desse período, uma vez que medidas como o quinto do ouro e o declínio econômico de Vila Rica se tornavam evidentemente a insatisfação da elite local, que ficava cada vez mais endividada.

Os inconfidentes eram, em sua maioria, devedores da Coroa e, em 1788, tomava forma o movimento rebelde, que não chegou a se concretizar de fato. A rebelião deveria ocorrer durante a derrama, em março de 1789, mas foi suspensa por Visconde de Barbacena, uma vez que este foi informado por Joaquim Silvério dos Reis sobre os planos dos inconfidentes. Silvério dos Reis foi agraciado pela coroa com o perdão de suas dívidas e personificado na história como traidor da conspiração, posteriormente chamado de “inimigo da pátria”. Os denunciados foram presos em Minas Gerais, e Tiradentes, no Rio de Janeiro. O processo foi extenso, findando apenas em abril de 1792 (Fausto, 1998, p. 116).

Os presos acabaram, por clemência da Rainha Dona Maria, sendo poupados da execução, pagando apenas com o exílio na África. O processo tomou dimensões além de punitivas, exemplares, tornando-se um espetáculo da Coroa, segundo Fausto:, “só

a leitura da sentença durou dezoito horas!”. Tiradentes foi o único a ser enforcado, na manhã de 21 de abril de 1792, seguindo da retaliação do corpo e exposição de sua cabeça em praça pública (Fausto, 1998, p. 117).

Paulo Miceli reflete sobre:

Por que teriam os juízes procedido dessa maneira? Fácil perceber que alimentar o pânico entre os prisioneiros facilitaria a "coleta" de informações; além do mais, a farsa deveria ser montada de modo a elevar sua projeção e importância, o que não se conseguiria com uma decisão muito rápida. Mais ainda, o perdão da rainha poderia aumentar sua popularidade, projetando-a como exemplo de moderação (MICELI, 1994, p.38-39).

Assim, é relevante pontuar que o evento foi montado para a construção de duas imagens: a do criminoso que seria punido e da rainha que seria benevolente. A rainha portuguesa, apesar de muito investir para ser vista como uma boa alma no Novo Mundo, acaba por ser lembrada de forma pejorativa, a famosa D. Maria I, a Rainha Louca. O “perdão” dela acabou sendo menosprezado, pois o degredo não era exatamente uma colônia de férias, ao fim os envolvidos haviam sofrido: ou com a morte ou com o exílio (MICELI, 1994, p.38-39).

Atentando-se para o fato de que o evento pretendia ser memorável, principalmente preventivo, contra o clima de rebeldia que se instaura na colônia. A sentença de Tiradentes era, nesse sentido, um espetáculo de horror, para que a Coroa reafirmasse sua soberania. De fato, tal data não seria esquecida tão facilmente. E é justamente lembrada pelos opositores da monarquia, mais de um século depois. Tiradentes e sua execução são ressuscitados: o grande espetáculo da Coroa havia de ser aproveitado, mas para transformar o herói em mártir da população da Colônia. O exemplo de crime passou a ser visto como exemplo de luta, as narrativas já seriam outras: sua fraqueza, vergonha e solidão são reinterpretadas, passam a ser coragem, responsabilidade e sacrifício (pela liberdade do Brasil). O dia da execução se torna feriado e as representações de Tiradentes aderem traços de sacralidade, cada vez mais sendo comparado a Cristo na Cruz (CARVALHO, 2017, p. 119).

Figura 2 : Tiradentes esquartejado, Pedro Américo, Museu Mariano Procópio



Fonte: <https://institutopoimenica.com/2012/07/09/tiradentes-esquartejado-pedro-amrico/>

Sobre as intenções dos inconfidentes (segundo respostas que os mesmos forneceram durante o processo), havia a pretensão de proclamar uma República, o Distrito Diamantino, que seria criada no modelo da constituição estadunidense e na qual haveria eleições anuais. E, é claro, os laços com Portugal rompidos e as dívidas perdoadas (Fausto, 1998).

A Inconfidência Mineira é um exemplo de como acontecimentos históricos de alcance aparentemente limitado podem ter impacto na história de um país. Como fato material, o movimento de rebeldia não chegou a se concretizar, e suas possibilidades de êxito, apesar do envolvimento de militares e contatos no Rio de Janeiro, eram remotas (Fausto, p. 118).

Ao buscar as bases para criar a identidade nacional, a unidade da federação, que englobasse a coletividade e origem da República em tempos passados, a luta de Tiradentes seria lembrada: a oposição à monarquia, o caráter religioso e a defesa da liberdade como elementos que faziam parte também do novo regime. Mesmo que interrompida, a inconfidência poderia representar essa luta (CARVALHO, 2017, p.35).

Não é incomum a afirmação de que a Inconfidência só não ocorreu porque Silvério dos Reis traiu seus amigos, esquecendo assim de toda a fragilidade da proposta: emancipar um pedaço da colônia, considerando que tratava-se das minas de ouro, metal que a Coroa buscou na colônia por tantos anos.

Referente a essa questão, Miceli aponta a falta de honra que envolve a denúncia ao mártir, ainda mais quando considera-se que os delatores eram inicialmente inconfidentes, assim como Tiradentes.

Ao lado da servidão voluntária, a delação representa uma das vergonhas da espécie. Assim como cães rastejadores anunciam a presença da caça para que o caçador a desfrute, o dedo-duro está frequentemente em cena, empenhando vidas em troca de favores. É um empregado do poder, moralmente abatido, que se mete entre os inconformados para ouvir as dores e alimentar, com denúncias, a justiça dos poderosos. Está lá, na história das religiões, contracenando com o mártir, a quem vende por qualquer preço, está aqui entre trabalhadores e estudantes, ouvindo vozes que anunciam novos tempos e anotando dados para os órgãos de repressão, está, enfim, em toda a parte onde pode recolher sua ração escassa, alimentando o apetite desmedido de todos os inquisidores (MICELI, 1994, p.35).

Não é que não houvesse na história outras traições, assim como não é incomum chamar de revolução um movimento que busca apenas mudanças econômicas que, ao

fim, representam diferenças significativas apenas aos mais abastados da sociedade. Apesar disso, o caso da Inconfidência é diferente: ela não aconteceu. O que resta à história é estudar como ela teria sido articulada e como foi impedida, além de buscar compreender o que se esperava dela, pois esta história foi significativa no imaginário dos brasileiros.

É certo que as pregações de Tiradentes encontravam alguma ressonância naquelas terras ricas e de gente muito pobre, o que fazia crescer o número de simpatizantes do movimento que se pretendia deflagrar. Mas, não se pode dizer que a "comunidade de intenções" só nascesse de um amor pela pátria ou algo parecido, pois a ambição pessoal e o desejo de livrar-se de impostos excessivos sensibilizavam muitas pessoas (MICELI, 1994, p.36).

Como já apresentado, o motivador principal dos rebeldes era a exploração portuguesa, através da alta cobrança de impostos em um momento de decadência da economia, o que tornava a elite mineira devedora da coroa e mesmo os que não fossem dessa elite se aliavam à causa em prol da "liberdade". De acordo com Miceli, uma vez iniciados planos, alguns rebeldes converteram-se em denunciadores, tornando-se exemplo aos demais, que precisavam do perdão das dívidas, pagando-as com várias e incompletas delações (MICELI, 1994, p.36).

Ou seja, não foi apenas pela traição de Joaquim Silvério dos Reis que a Inconfidência não prosseguiu, havendo cartas de pelo menos mais dois homens, apesar de ser este o mais lembrado e odiado delator. Este foi, talvez, tão lembrado pela insistência na denúncia, falando pessoalmente com autoridades e enviando cartas, seguindo infiltrado no grupo após as denúncias (MICELI, 1994, p.37).

Contudo, a importância da tentativa ultrapassa seus resultados ou possibilidades reais. A Inconfidência, depois de anos, é romantizada, como um primeiro movimento pela liberdade do Brasil e pelo fim do sistema monárquico; até mesmo pelo fim da escravidão, já que os inconfidentes (muitos deles, donos de escravos e dependentes da produção destes), alegavam que acabariam com a escravidão em sua República (Fausto, 1998, p. 118).

A construção do imaginário em torno da Inconfidência e de Tiradentes como herói nacional, só ocorre com o fim da monarquia. Desde sua morte até a proclamação

da República, sua imagem é hostilizada, pois foi o líder de oposição à Coroa Portuguesa. Fausto, afirma que :

a relevância da Inconfidência deriva de sua força simbólica. Tiradentes transformou-se em herói nacional, e as cenas de sua morte, o esquartejamento de seu corpo, a exibição de sua cabeça passaram a ser evocadas com muita emoção e horror nos bancos escolares. Isso não aconteceu da noite para o dia e sim através de um longo processo de formação de um mito que tem sua própria história. Em um primeiro momento, enquanto o Brasil não se tornou independente, prevaleceu a versão dos colonizadores (Fausto, 1998, p. 118).

Seguindo a esteira dessas ideias, o nome dado ao movimento faz referência a falta de fidelidade, à traição dos envolvidos contra seu governo. Apesar das revisões e revisitações ao evento e aos heróis, o nome Inconfidência ainda permanece. Ao longo do Império, não havia muito espaço para cultuar esses acontecimentos (Fausto, 1998, p.118).

José Murilo de Carvalho, em “A formação das almas” levanta questões acerca da criação do imaginário sobre Tiradentes e a Inconfidência Mineira, principalmente após a transição da monarquia à república no Brasil, na qual a participação popular foi nula, tanto na instauração do novo regime como nos anos recorrentes (2017, p. 9).

Dessa forma, o governo instituído pela oligarquia brasileira busca, determinadamente, ferramentas de legitimação do poder, que assim como outros regimes políticos da modernidade, apela para a ideologia. Para garantir essa legitimação, os republicanos se dividem em três correntes : liberal, jacobinista e positivismo, sendo a primeira delas vencedora, atuando à moda americana (CARVALHO, 2017, p. 9).

Para atingir um público mais amplo, essa ideologia teria que ser propagada de outras formas que não as escritas, uma vez que trata-se de uma sociedade majoritariamente analfabeta. Assim, a construção do imaginário da república nas imagens, símbolos, mitos, foi necessária e se deu com inspiração no caso francês, como a adoção da imagem da República com o barrete frígio, que no Brasil não teve tanto sucesso (CARVALHO, 2017, p. 10).

A título de exemplo, entre tantas Repúblicas que foram pintadas, principalmente por artistas positivistas, segue na figura 2 a pintura de Manuel Lopes Rodrigues, de uma República ainda jovem, mas determinada:

Figura 3 : *Alegoria da República*, Manuel Lopes Rodrigues. Museu da Arte da Bahia.



Fonte: http://www.dezenovevinte.net/obras/mlr_rapj.htm

De acordo com Schwarcz e Starling, não faltaram tentativas de adotar a moda francesa, porém em contextos tão diversos, a imagem perde seu sentido:

Nos anúncios de produtos em jornais, ou mesmo nas imagens oficiais, era agora a figura feminina que representava a República. A associação desse tipo de representação com a República estava presente já na tradição clássica, especialmente romana, mas foi na França, no período que precedeu a Terceira República, que a imagem de Marianne se popularizou. Enquanto nesse país a figura da mulher jovem, de peitos quase à mostra, túnica e barrete frígio — aliando as noções de liberdade, felicidade e fertilidade maternas — se tornou muito popular, no Brasil a alegoria fracassou, mesmo em sua versão positivista, espelhada em Clotilde de Vaux: poeta e escritora francesa, musa de Augusto Comte, que o teria inspirado na criação de sua “Filosofia da Humanidade” e logo se transformara em símbolo republicano. Já por aqui, as mulheres continuavam em casa, com vestimentas que lhes cobriam o corpo inteiro, e sem direito a participação política (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.475).

A partir de então tem início a disputa pelo panteão da República, pela bandeira e pelo hino. Esses símbolos têm capacidade de projetar os interesses, aspirações e medos de um povo. Os elementos simbólicos de um país, que constituem um imaginário podem ser criados espontaneamente, gerando representação, ou podem, como o são muitas vezes, inventados, tendo aderência ou não do povo. Ainda, deve-se apontar que o imaginário pode ser ferramenta eficiente para modelar visões de mundo e condutas. Dessa forma, Carvalho aponta :

A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro (2017, p. 11).

Assim como a transição da monarquia para a república na Revolução Francesa usou de símbolos e mitos para legitimar o novo regime, para “tocar a cabeça e o coração” dos franceses, tem-se aqui também o mesmo objetivo, em um cenário apelativo à concordância popular. A educação no Brasil, assim como na França, objetivava “formar as almas” (CARVALHO, 2017, p.11).

Para atingir os sentimentos coletivos, criar a identidade brasileira, foi necessária a construção de heróis, homens que foram exemplo para seu povo. Isso tudo, é claro, envolve a manutenção da ordem e sobrevivência da República no país, pois havia o medo de que a colônia portuguesa se dividisse como se dividiu a colônia da Espanha. “Substituir um governo e construir uma nação, esta era a tarefa que os republicanos tinham de enfrentar” (CARVALHO, 2017, p.24-25).

O herói como ponto de referência, de identidade coletiva, devia ser cuidadosamente escolhido: um regime que foi implantado longe do povo, precisava ser bem justificado. O herói deveria ter a cara do povo, para que seja apropriado por este: “Os pretendidos heróis serão, na melhor das hipóteses, ignorados pela maioria e, na pior, ridicularizados” (CARVALHO, 2017, p.58-59).

Assim foi com Benjamin Constant, Floriano Peixoto, Deodoro da Fonseca, havia resistência em usar suas imagens para representar o Brasil. A imagem da República, como figura feminina, foi ridicularizada, passando de mãe pátria à uma prostituta, pois a República ao fim, seria isso: prostituída, atendendo ao interesse de alguns. Esses casos exemplificam como houve dificuldade em abraçar o regime e as alegorias escolhidas pela elite. Carvalho aponta: “Os candidatos a herói não tinham, eles também, profundidade histórica, não tinham a estatura exigida para o papel. Não pertenciam ao movimento da propaganda republicana, ativa desde 1870” (2017, p. 59-60).

No campo das discussões sobre o imaginário e representações da Inconfidência Mineira e seus personagens, cabe questionar a nomenclatura “Inconfidência” que Schwarcz e Starling apontam ser inadequada, indicando que o movimento corresponde à categoria de Conjuração. Não que tenha-se dado esse nome por equívoco; havia propositalidade em evidenciar o evento como um ato de deslealdade para com a Coroa Portuguesa, o que é reafirmado no julgamento e justifica a dimensão da punição aplicada a Tiradentes, figura de menor prestígio entre os chamados inconfidentes (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.185).

Outro aspecto que vale a pena ressaltar é a ocorrência de outros motins na região, dados em 1715, 1718, 1720, eventos de revolta que foram combatidos com punição exemplar, a fim de manter a paz na Colônia. Minas Gerais, era, de acordo com

Schwarcz e Starling, uma terra difícil para a Coroa (MICELI, 1994, p. 34) (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.185).

Para além disso, é possível dimensionar a Conjuração Mineira, como um levante anticolonial, que Schwarcz e Starling consideram o mais relevante da América portuguesa: “pôs em dúvida o próprio sistema e adaptou para as Minas um projeto de poder de natureza nitidamente republicana” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p.185).

Seguindo a esteira dessas ideias, o principal personagem, Tiradentes, de acordo com as autoras, não era o líder do movimento, mas teria sido o principal propagandista, devido ao seu trabalho, que as ideias foram colocadas em circulação. Seu trabalho permitia mobilidade entre Rio de Janeiro e Minas, atingindo ao longo dos caminhos, diferentes grupos sociais (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 207).

Apesar de ser uma luta que muito interessava a elite, não era ela somente que acreditava que fosse esse o caminho para melhores condições de existência: Tiradentes era um desses desafortunados que tentava de várias formas escapar da pobreza:

Sentindo-se pobre em meio à riqueza, Tiradentes teria atingido a compreensão do sentido da colonização, conforme dissera a Alvarenga Peixoto: "é uma pena que uns países tão ricos... se achassem reduzidos à maior miséria, só porque a Europa, como esponja, lhes estivesse chupando toda a subsistência; e os excelentíssimos generais, de três em três anos, traziam uma quadrilha a que chamavam criados, os quais, depois de comerem a honra, a fazenda e os ofícios que deviam ser dos habitantes, saíam-se rindo deles" (MICELI, 1994, p.45).

Assim, as disputas entre a colônia e metrópole, monarquia e república, ganharam suas primeiras nuances em 1780, sendo por isso revisitadas e resignificadas como movimentos libertadores brasileiros, (não apenas mineiros), com potencial exemplar e pedagógico, para formar as almas em um país de dimensões continentais. A colônia Portuguesa, viraria um só país, e mesmo republicano, seria ao tom da elite.

O imaginário foi essencial: eram novos tempos. Os republicanos não tardaram a mudar os símbolos e heróis do novo regime, os antigos monarcas foram imediatamente substituídos pelos novos nomes que representavam a República dos Estados Unidos do Brasil: Rui Barbosa, Floriano Peixoto, Deodoro da Fonseca, Duque de Caxias, e no topo, Tiradentes, o herói da Independência, posto antes ocupado por D. Pedro I (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 473).

De tal maneira, compreende-se aqui, partindo de 1780 até a Primeira República, como a figura de Tiradentes foi construída e disposta aos brasileiros. A disputa pela sua imagem não encerra com a consolidação do regime republicano: ele segue, até a contemporaneidade sendo apropriado de diversas formas, em diferentes conjunturas, em representações tão heterogêneas, que por vezes faz-se desafiador compreender que trata-se do mesmo sujeito. Não que os indivíduos não possam ser ambíguos, Joaquim José da Silva Xavier pode ter sido um homem difícil de categorizar, mas em relação ao imaginário, certamente ele ultrapassa o real, e atinge, indiscutivelmente, o coração e a mente dos brasileiros.

4- O herói do Correio do Colegial

Grande foi o Tenente de Cavalaria José Joaquim da Silva Xavier.

A sua audácia, a sua coragem, pouco vulgares, ainda hoje são lembrados com entusiasmo.

O seu ideal, que era livrar do jugo português nossa querida e estremecida terra, ficou para sempre gravado nos corações dos brasileiros.

Nunca, jamais o seu espírito vacilou, em tempo algum as suas opiniões firmes e abalizadas, fôram renegadas pelos seus companheiros de Inconfidência.

Seria o símbolo, o apóstolo da revolução.

E assim foi.

Descobertos os planos de José Joaquim da Silva Xavier, muitos dos companheiros abandonaram, fugindo assim a responsabilidade.

Preso, algemado, como se fora um barbaro criminoso, levaram-no para o cubículo de um presídio, sem luz e sem ar.

Interrogado, O Tiradentes, num assomo de incontida humanidade, querendo livrar os companheiros, assumira toda responsabilidade.

A sua condenação foi sumaria.

Havia de ser morto em plena via pública, como ostracismo à grandeza de um ideal. Valter Campos (Jornal Correio do Colegial, N. 1 - 1938, agosto, p. 2).

A forma como os estudantes se apropriam e escrevem sobre os heróis no jornal Correio do Colegial, especificamente no que se refere a figura de Tiradentes, expressa ideais que constituíram uma cultura histórica permeada por representações próprias do século XX, que consagraram a este herói nacional o papel de exemplo para a vida de indivíduos nacionalistas e patrióticos. Paulo Miceli disserta sobre o herói nacional como um fenômeno mitológico de longa data. Desde os primórdios da humanidade, com a revolução do significado, há entre grupos humanos o escolhido, o herói ao qual é atribuída uma missão quase impossível. Com o tempo, esses seres mitológicos vão deixando de ter superpoderes e passam a ser mais sacralizados, são aqueles que se doaram a uma causa, que fizeram algum sacrifício.

Na Antiguidade o herói era um protegido dos deuses, encarregado de conduzir o destino de seu povo, sendo destaque entre os anônimos que vivem e trabalham apenas para sua subsistência. O herói era aquele que viveria e morreria por todos. Nesse âmbito, Miceli entende a função do herói na sociedade:

Antes de tudo, porém, o herói tem uma finalidade moralista, servindo para avaliar e dirigir capacidades e condutas: os cristãos apresentam seus santos

como modelos de virtude, os militares fazem o mesmo com alguns comandantes, os revolucionários com seus líderes, etc., etc.. (MICELI, 1994, p. 10).

Ou seja, o herói não por acaso, é cuidadosamente escolhido, sua representatividade precisa condizer com o projeto de nação, o sujeito escolhido precisa ser querido pelo povo e respeitável moralmente. Embora o mesmo seja geralmente, aquele que se destacou, protestou e combateu, sozinho, contrário a todos, até mesmo rebelde. É importante entender como o herói é criado, o porquê de ser considerado um herói (MICELI, 1994, p. 10-12).

Nesse sentido, além da família, as instituições de ensino são as grandes responsáveis pelo culto aos heróis e pela garantia de perpetuação através das gerações: nas festas, desfiles, cartazes, pesquisas sobre os feriados nacionais, nas aulas de história, etc (MICELI, 1994, p. 13).

A construção da imagem de Tiradentes como herói na primeira fase da República se consolidou a ponto de superar os demais ocupantes do panteão cívico, nem Benjamin Constant, nem José Bonifácio se tornaram tão admirados pelos brasileiros. Os estudantes do Colégio Jackson de Figueiredo, em seus textos, atribuem a importância de Tiradentes para além da Inconfidência Mineira.

Ao ler os textos sobre Tiradentes no jornal, é possível compreender que há uma interpretação de que D. Pedro I teria realizado aquilo que Tiradentes havia idealizado e pelo que se sacrificara, ou seja, o herói verdadeiro da Independência seria Tiradentes. O trecho a seguir exemplifica essa percepção:

Deus por ser Onisciente e Onipotente, brilhou aquele sol tão belo, nesse dia do martírio de Tiradentes. Eram 8 horas da manhã. Ouviu-se um toque de clarim. Era o condenado que ia sair da prisão e seguir para o patíbulo. Eis que Tiradentes aparece á porta. Estava vestido com um longo camisão de linho que lhe descia até os pés. Tinha as mãos amarradas e entre estas um crucifixo que lhe dava resignação. Tiradentes subiu à forca com uma coragem tão soberba que impressionou até o carrasco, afeito àquela vida miserável. O sangue de Tiradentes foi derramado mas não ficou impune. Pedro I depois de muitos anos — o dia 7 de Setembro concluiu a obra que esse herói havia almejado (Jornal Correio do Colegial, N. 20 - 1940, outubro, p.1).

Esse texto é escrito por um aluno do ensino primário e publicado no mês de outubro, mês seguinte às comemorações de Independência, momento no qual as escolas trabalham essa data cívica e homenageiam os heróis do Brasil.

Algumas características são recorrentes em relação à narrativa: a afirmação de que a Inconfidência Mineira foi uma tentativa de independência, para livrar a pátria do jugo português (pois estaria sendo escravizados pelos portugueses) e que ela foi abortada no início por conta da traição de Joaquim Silvério dos Reis, que para ter suas dívidas perdoadas, denunciou os conspiradores a Visconde de Barbacena. Ainda, nos relatos mais detalhados, Tiradentes é procurado e preso no Rio de Janeiro, e sua morte é contada de forma romantizada pelos alunos, por vezes ressaltando a religiosidade do condenado, que levava em suas mãos um terço e olhava para os céus.

Quando a junta da Fazenda lançasse a derrama, deveriam acudir a Vila Rica os conjurados que por ele esperariam, nas vizinhanças, e à noite entrariam na cidade em tumulto gritando Viva a Liberdade. Sairia então Freiro Andrada com suas tropas, com o protesto de terminar o motim, trocando suas intenções logo que soubesse que o governador estava preso.

Estava tão claro este plano que eles não faziam mistério de nada. Nos livros de história atuais deveriam ter A Independência do Brasil em 1789, teria se não fôsse aqueles traidores, que delataram a independência de nossas terras. Joaquim Silvério dos Reis primeiro delator conta tudo a Barbacena, que era governador, o qual imediatamente mandou suspender a derrama. Tiradentes, encontrava-se, no Rio, com ânsia de levantar a população da grande metrópole colonial, com o fim de liberdade. Em Vila Rica o governador já sabendo de todos os planos, manda comunicar ao Vice-Rei, inclusive que Tiradentes estava no Rio. Logo mandou o próprio Joaquim Silvério com os ofícios a Luiz de Vasconcelos. Eduardo Antônio Conde Garcia (Jornal Correio do Colegial, N.90 - 1959, agosto, p. 3).

Nesse trecho, do texto intitulado “Tiradentes”, é possível exemplificar certos aspectos que são comuns nessas narrativas presentes no jornal: Tiradentes como o herói que queria libertar a pátria e Joaquim Silvério dos Reis como o personagem mau, que traiu aos seus, assim como Judas traiu Jesus, entregando-o às autoridades. Há, em outras narrativas do jornal, a culpabilização única de Joaquim pelo fracasso da Inconfidência Mineira, que teria sido tão bem arquitetada que não haveria possibilidade de fracasso. Faz-se visível a preocupação em trazer detalhes do ocorrido, desde a organização do movimento até a morte do líder. O texto em questão, na íntegra, ocupa mais da metade da página 3, do número 90, é o mais extenso sobre Tiradentes, sendo de autoria de um aluno da 4ª série.

Para fins de análise, foi criada uma tabela que contém o ano e mês da publicação do jornal, de forma que é possível ver se Tiradentes é homenageado apenas ou principalmente em abril ou ao longo do ano também. Como o jornal é publicado no

máximo duas vezes ao mês, o texto é impresso geralmente no mês seguinte a sua escrita. Assim, as matérias sobre Tiradentes podem ser frequentes em maio e outubro, uma vez que o mesmo é associado à Inconfidência e Independência do Brasil (21 de abril e 7 de setembro). Também, pode ocorrer de ser publicado dois meses depois, dependendo da periodicidade do jornal.

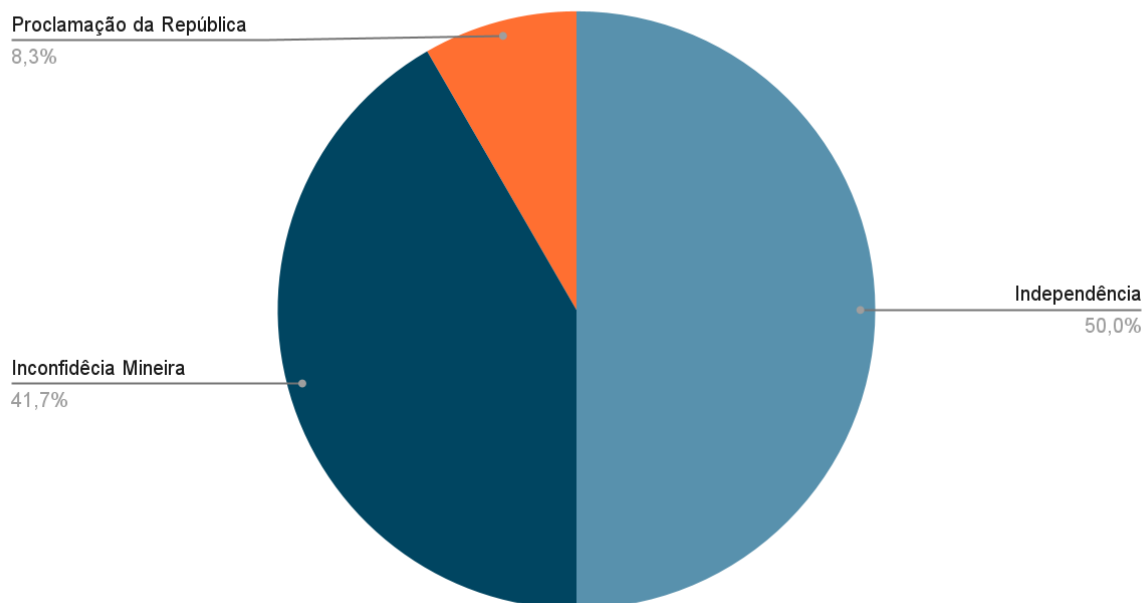
Este aspecto deve ser levado em consideração na análise, pois existe uma forte possibilidade de que o estudo dessas datas cívicas durante as aulas de história tenha sido o momento de escrita ou de inspiração para a produção desses textos. Ainda, conforme observado por Miceli (1994), é comum encontrar um professor especialmente dedicado que instrui seus alunos a realizar pesquisas sobre a história do feriado nacional durante os feriados como lição de casa.

Assim como já referenciado anteriormente, há preocupação por parte do Estado brasileiro em trazer para o ensino de história os heróis nacionais e as datas cívicas, que serviriam de referência aos pequenos estudantes, sobretudo a partir da década de 1930. Os vestígios desses métodos, podem ser encontrados tanto nas atividades dos estudantes, como nos jornais escolares, fontes que revelam as estratégias pedagógicas nas datas comemorativas (FONSECA, 2011, p.78).

Entre os anos de 1938 e 1959 são publicados vinte e quatro textos sobre Tiradentes. Ao criar uma tabela apenas para os textos sobre Tiradentes e ler mais atentamente o jornal, foi perceptível que metade dos textos que tratam de Tiradentes associam diretamente sua figura à Independência do Brasil (Gráfico 1), citando-o como o proto-mártir, mártir, herói da Independência.

Gráfico 1: Eventos históricos associados a Tiradentes no jornal

Eventos históricos

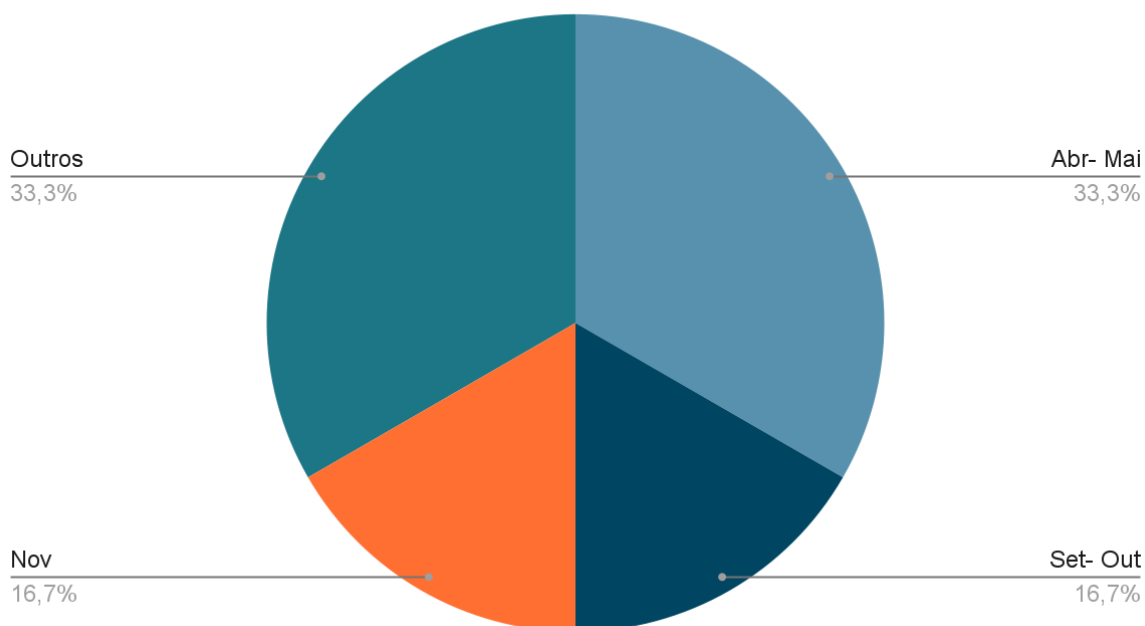


Fonte: produzido pela pesquisadora

Ao avaliar o período em que os textos são publicados (Gráfico 2), é possível ver que dois terços deles são publicados nos meses de abril e maio (Inconfidência Mineira, 21 de abril), setembro e outubro (Independência do Brasil, 11 de setembro) e em novembro (Proclamação da República, 15 de novembro), de forma que remete a práticas comemorativas e ufanistas por parte da escola e que apenas um terço das publicações são fora dessas datas.

Gráfico 2: Meses de publicação de textos sobre Tiradentes

Publicação de textos sobre Tiradentes



Fonte: produzido pela pesquisadora

Seguindo os princípios da pedagogia de Freinet, é indicado o método de texto livre, em que os alunos escrevem sobre assuntos que lhe despertam interesse, de modo a demonstrar como veem ao mundo e a si mesmos, além de instigar a pesquisa. No caso do Correio do Colegial, é difícil identificar esse método, até mesmo verificando que as publicações se dão nos meses comemorativos (ou mês seguinte), parece haver incentivos da instituição na construção de uma dada cultura histórica que contribuía para a formação da consciência histórica dos estudantes.

Sobre a escolha dos temas publicados no jornal é interessante ver a forte mediação dos professores da instituição, em um dos primeiros textos do jornal o aluno relata que a professora o convidou para escrever, tendo sugerido que escrevesse sobre Tiradentes. Esse texto é publicado em outubro.

É pela segunda vez que uso da pena para escrever sobre o mártir da Inconfidência Mineira.

Nunca é desnecessário lembrar fatos que traduzem heroísmo e grandeza de espírito de quantos, num abnegado amor a Pátria, sacrificaram-se na impetuosidade de suas paixões.

A minha bôa e inteligente mestra D. Nadir Onrão Leite, escolheu para a minha palida dissertação um dos mais brilhantes acontecimentos que a nossa historia podia revelar.

Por mais que me esforçasse afim de cumprir a contento a honrosa incumbencia de minha esforçada mestra, não consegui, como bem sabeis, a meta desejada.

Eis porque estou dislustrando o brilhantismo das columnas que honrosamente me reservaram neste jornalzinho colegial.

Eis porque escrevi estas desenlenhadas palavras, sem retórica e colorido de linguagem.

Não vacilei, eu vos afirmo, porque de chofre acorreram-me as palavras do insigne escritor Coelho Neto: "Ouve e obedece aos teus superiores, porque sem disciplina não pode haver equilíbrio".

Diante do objetivo explanado, escrevi o que vóis sabeis melhor do que eu.

Limito-me, entretanto, a vos dizer apenas que, devido ao egoísmo, os erros sucedem, crescem, evoluem.

Sim, porque a 21 de abril de 1792, fora comndenado à forca, por D. João VI, o mineiro José Joaquim da Silva Xavier, por haver si julgado o mais culpado dos Inconfidentes mineiros, e, a 7 de setembro de 1822, após 30 anos, ouviu-se, de D. Pedro I, o grito de Independência ou Morte.

Onde está senhores, a razão?

É que o Brasil haveria de conquistar um dia a sua absoluta independência.

É que o Brasil, esta grande e imensa terra, bela e forte, não deveria jamais continuar como simples feitoria.

Não é a outro, sinão ao Mártir da Inconfidência Mineira que devemos a realização do ideal que o levára a forca.

Não é a outro, repito, por que o seu ideal era ver o Brasil livre e sobranceiro, independente e forte. Cultuemos pois a sua saudosa memoria. Valter Campos (Jornal Correio do colegial, n. 3 outubro, 1938 – p.3).

O aluno compõe um pequeno texto, ao que parece, como atividade extraclasse, que poderia ser aqui entendida como aspecto característico de um jornal escolar: mediado pelos adultos e produzido dentro da instituição. É interessante ver que o aluno faz questão de apontar não só que foi convidado, como também que seu tema foi sugestão da dita professora. O aluno em questão, Valter Campos, já havia escrito outro texto sobre Tiradentes, na primeira edição do jornal, também no ano de 1938.

É perceptível que as escritas expressam apropriações da cultura histórica desenvolvida pela instituição, mediada por professores e materiais didáticos. Apesar de não ter sido possível cruzar os dados empíricos com os livros didáticos usados na época, a historiografia acadêmica aponta para uma representação de Tiradentes vinculada aos símbolos da República. Isso sugere que os textos publicados nos jornais

e assinados pelos estudantes eram, de fato, fruto da assimilação dos conteúdos ensinados nas aulas de história do Colégio Jackson de Figueiredo.

Bittencourt (1993, p.5), e Chartier (1990, p. 27) afirmam que a leitura e a escrita não fazem parte do comando do óbvio: é necessário problematizar essas atividades tão inerentes à cultura contemporânea. Chartier conceitua a apropriação como a operação de construção de sentido, nas relações de leitura, permeadas por condições sociais, institucionais e culturais.

Os fragmentos do Correio do Colegial apresentados aqui representam algumas características do cotidiano do Jackson de Figueiredo e do que se assemelha ao modus operandi de outras instituições da época, nas quais o ensino é carregado de ufanismo e nacionalismo e o exemplo de heróis nacionais, como orientação para a vida prática dos estudantes, é constante.

O herói de destaque, Tiradentes, é deslocado de seu tempo, de sua terra, de suas perspectivas reais, e a ele são atribuídas outras lutas, outras conquistas, pois nesse contexto, ele representa, para estes alunos, mais do que um propagandista de uma revolução que não se concretizou, ele representa a luta pela soberania e pela liberdade do país.

Para promover a formação cívica e patriótica de seus alunos, a escola organizava eventos educativos, como pode ser visto nas figuras 3 e 4 na qual o aluno, José Alves, relata o passeio ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, atividade não rara no cotidiano desta instituição de ensino. Outras matérias do jornal apresentam relatos de desfiles de Sete de Setembro e 15 de Novembro, momento de homenagens e reafirmação da soberania brasileira, em que os alunos carregam a bandeira, cantam o hino e desfilam pelas ruas da cidade com seus melhores uniformes.

Figura 4: No Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.



Fonte: Jornal Correio do Colegial (n. 6 – 1939, mês de maio , p.3).

Figura 5: Desfile de 15 de Novembro.

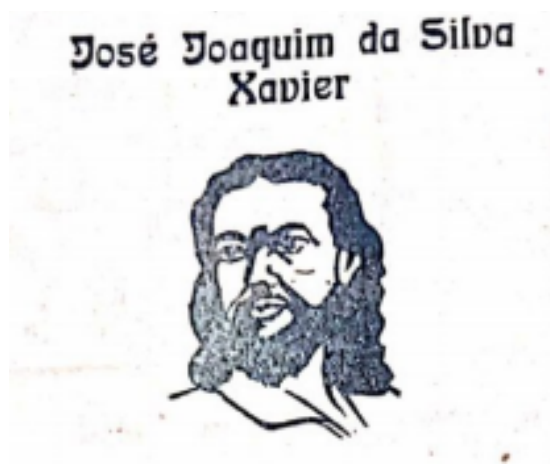


Fonte: Jornal Correio do Colegial (n. 21 – 1940, setembro , p.6).

As fotografias não são elementos tão recorrentes no jornal, porém, as poucas que existem, aparecem em várias edições, como a do diretor do colégio e sua esposa, da fachada da instituição e dos desfiles de Sete de Setembro e 15 de Novembro, o que

leva a entender que essa seletividade em meio a escassez prioriza apenas o que é de maior importância ao colégio.

Figura 6: José Joaquim da Silva Xavier.



Fonte : Jornal Correio do Colegial (n. 50 – 1944, p. 3).

Apesar da recorrência de certas temáticas, como o caso de Tiradentes, ao qual são dedicados 24 textos no corpus documental de 92 números aqui analisados, sua imagem aparece uma única vez (figura 5), que assim como esperado, é uma das representações mais comuns: um homem de cabelos longos, parecido com Cristo.

Por fim, ao destacar neste capítulo a construção da imagem de Tiradentes pelos alunos, a partir de ricas narrativas que os mesmos realizam, sobre sua vida, sua morte, nas quais exaltam sua coragem e fé, compreende-se que houveram esforços institucionais e mesmo nacionais, para louvar este herói tantas vezes. Ressaltando o caráter formativo e informativo do jornalzinho, ele foi, de tal forma, instrumento de circulação e reafirmação de conceitos e ideias de uma cultura histórica brasileira do século XX.

6- Considerações finais

O presente trabalho encarregou-se de pesquisar e analisar o jornal escolar Correio do Colegial, material que faz parte da cultura escolar e se apresenta como fonte potencial para estudos da História do ensino de história do século XX. Nesse sentido, a análise do jornal permitiu constatar as formas de apropriação das aulas e materiais trabalhados na disciplina de história, visto a significativa quantidade de escritos com temas históricos que exaltam o herói nacional, Tiradentes, e denunciam os inimigos da pátria, demonstrando muito sobre o ensino e a relação com a história nacional que se tem no período.

Os textos dos alunos transparecem as práticas do ambiente escolar, como desfiles e ações cívicas da escola em certas datas, além da forma como os mesmos entendiam a figuras nacionais. A partir da historiografia sobre a História do Brasil, em autores como Miceli, Schwarcz, Starling, Balaroti, Carvalho e Fausto, foi possível percorrer o caminho trilhado pelos estudos que tratam da Inconfidência Mineira e da construção do mito de Tiradentes, herói de várias facetas, em diferente períodos da história nacional.

Nesse viés, percorrer o advento da Proclamação da República foi essencial para a compreensão da necessidade da fabricação de heróis nacionais, considerando as tentativas e erros dos republicanos, e os motivos de uma escolha tão importante para a história do país. Carvalho aponta a dificuldade de chegar a um consenso sobre Tiradentes, em relação a sua real atuação na Inconfidência e até mesmo a aparência física do herói, sobre a qual não restou nenhuma imagem original. Outra questão é o uso da imagem do herói, lhe atribuindo outros eventos históricos, a fim de apagar a memória em torno dos monarcas: “havia poderosa simbologia na luta entre Pedro I e Tiradentes” (CARVALHO, 2017, p.61- 65). O que parece ter sido assimilado pela historiografia didática e desenvolvido na prática da disciplina escolar, ao se considerar a apropriação feita pelos estudantes que escrevem para o jornal Correio do Colegial.

Neste sentido, permanece o propagação de ideias que tornam Tiradentes um bom mártir, por uma série de características em relação a sua vida e sua morte:

Foi vítima não só do governo português e de seus representantes, mas até mesmo de seus amigos. Vítima da traição de Joaquim Silvério, amigo pessoal, o novo Judas. E vítima também dos outros companheiros da conspiração, que, como novos Pedros, se acovardaram, procuraram lançar sobre ele toda a culpa. Culpa que ele assumiu de boa vontade (CARVALHO, 2017, p.73).

A evidência da eficácia desses esforços pode ser encontrada em fontes históricas, como o jornal *Correio do Colegial*, onde os alunos se empenhavam em reproduzir as ideologias divulgadas em impressos que circulavam na comunidade escolar. Isso desempenhou um papel fundamental na propagação e consolidação de uma cultura histórica que tinha como seu principal objetivo fortalecer a identidade nacional. No que diz respeito à educação, o Estado Novo desempenhou um papel significativo na promoção de uma educação ufanista, característica desse período histórico, como demonstrado na produção do jornal *Correio do Colegial*, com foco nos exemplares publicados entre 1938 e 1959.

A produção do jornal pode ser entendida nesse contexto como uma iniciativa de formação e informação dos alunos, pois seria atividade de leitura e escrita, no recorte temporal da pesquisa, principalmente para o ensino primário, para discutir as notícias do estado de Sergipe e do país. As escritas dos alunos sobre eventos e personagens da história, contribuíram, neste estudo, para avaliar a forma como os mesmos compreendem a experiência humana no tempo, e como mobilizam esse conhecimento para orientar-se na vida prática.

6- Bibliografia

BALLAROTI, Carlos Roberto. **A Construção do mito de Tiradentes: de mártir republicano a herói cívico na atualidade.** Antíteses, ISSN-e 1984-3356, Vol. 2, Nº. 3 (Enero), 2009, págs. 201-225 Disponível em : <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5026816> . Acesso em: 20. mar. 2023

BASTOS, Maria Helena Camara. **Escritas estudantis em periódicos escolares.** Porto Alegre: História da Educação, Vol. 17, Nº. 40, maio/ago., 2013, págs 7-10. Disponível em : <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/38763/pdf>. Acesso em : 15. ago. 2023

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar.** Tese (Doutorado em Educação) Departamento de História, São Paulo, 1993.

CARVALHO, José Murilo. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil.** 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Gofdin e Antonio Saborit.** Porto Alegre, 2001.

CUNHA, Maria Teresa Santos; BERETA DA SILVA, Cristiani. **Jornais escolares: arautos de ensinamentos patrióticos e pacifistas (Santa Catarina/Brasil/1940-1960).** Sarmiento, Nº. 24, 2020, págs. 127-159. Disponível em: <https://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/28165> Acesso em: 22. set. 2022

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Das mãos para as mentes: Protocolos de civildade em um jornal escolar/SC (1945-1952).** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 49, p. 139-159, jul./set. 2013.

FAUSTO, Boris. Inconfidência Mineira. In: **História do Brasil.** 6ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

FREINET, Celestin. **O jornal escolar.** Lisboa: Editora Estampa, 1974.

FONSECA, Thais Nívea de Lima e. **História e ensino de história.** 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira. Análise de impressos e seus leitores: uma proposta teórica e metodológica para pesquisas em história da educação. In: VEIGA, Cynthia Greive.; OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. **Historiografia da educação: abordagens teóricas e metodológicas**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019.

GONTIJO, Rebeca. Cultura histórica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, OLIVEIRA, Margarida Maria Dias (coo). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, p. 55-58, 2019.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, n. 1, p. 9-44, 2001.

MARTINELLI, Laís Pacifico; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A produção periódica estudantil oitocentista. Revista Educação em Questão, Natal, v. 59, n. 60, p. 1-29, abr./jun. 2021.

MARTINS, Estevão de Rezende. Consciência histórica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, OLIVEIRA, Margarida Maria Dias (coo). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, p. 55-58, 2019.

MICELI, Paulo. **O mito do herói nacional**. 5ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

PIMENTEL, Carmen Regina C. **Instruir e educar: práticas de formação no colégio Jackson de Figueiredo (1938-1980)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Sergipe, Sergipe, 2010.

RODRIGUES, Simone Paixão. **Com a palavra, os alunos: associativismo discente no grêmio literário Clodomir Silva (1934 - 1956)** Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, São Cristóvão, 2015.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado histórico. In: **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, p.41-49. 2019

RÜSEN, Jörn. O que é cultura histórica? Reflexões sobre uma nova maneira de abordar a história. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora, MARTINS, Estevão de Rezende (orgs). **Jörn Rüsen: contribuições para uma teoria didática da história**. Curitiba: W.A. Editores Ltda.,2016, p. 53-82.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Cultura histórica e cultura escolar: diálogos a partir da educação histórica**. História Revista, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 91-104, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Historiarevista/2012/vol17/no1/5.pdf>
Acesso em: 10. jul. 2023

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.